

ETNOMATEMÁTICA E O SERTÃO: VOOS E EXPANSÕES

REVISTA DE ETNOMATEMÁTICA DA UNESP-RIO CLARO

EDIÇÃO 1 - ANO 1 - Nº 1 - SEGUNDO SEMESTRE DE 2015

TEXTOS, FUNDAMENTOS, CONCEPÇÕES: AROLDO FERREIRA LEÃO

UM RELATO DA FORÇA DA AÇÃO E DOS DESEJOS NA ALMA DOS ÍNDIOS PANKARARUS



O SERTÃO E OS PANKARARUS: ÂMAGOS E REINTERPRETAÇÕES



No solo do Sertão, os Pankararus dançam e se reconhecem em suas atitudes e harmonias, segredos e substâncias. Seus enfoques estão na recriação de si mesmos, na afirmação de suas crenças e valores.

O SERTÃO E O MISTÉRIO DOS ACONTECIMENTOS

No Sertão, infinito e inóspito, o grito da seriema ecoa na névoa, o agito da ema povoa e ressoa nos mororós. Após secas, perdas, esperas, veredas dispersas, tensas caretas, sedes desfeitas, redes que balançam entre medos e credos, atroz, voz nos icós, o destino de cada homem vai sendo traçado, alicerçado nas ribanceiras adustas, trincheiras abertas às incertezas, aos desequilíbrios. Os rios somem, os vazios repercutem nos estios, nos desígnios mal-assombrados. Os brados, enviesados e transtornados, se buscam, se ofuscam, custam a ser entendidos. Estendidos no solo seco, os quipás e caroás sondam as fragilidades, rondam os nexos e os abandonos. Corujas e cotovias se espiam, piam nas impossibilidades, fiam gostos e desgostos, afiam seus voos e vontades. As tardes sugam os silêncios, enrugam testas e texturas, surgem desafiando a claridade nos olhos dos bacuraus. As noites surpreendem os vestígios das acauãs, os mistérios dos amanhãs nas patas das saracuras. Nas lonjuras, as fissuras nos terrenos

constroem caminhos perturbados, petrificados, perpetuados na falta de chuvas, curvas onde a amargura se mistura às agruras do dia-a-dia. A água, difícil, dádiva, domina os desejos, define os desânimos, define a reconfiguração dos ambientes, determina a paz no bater das asas dos azulões e galos-de-campina. A terra e o tempo se misturam, costuram as sensações, constroem contornos, sobrossos, incômodos, modos de dimensionar os passos e os lastros do povo nos apodos, nos lodos das cacimbas. Os elos e as reinvenções se perpetuam, atuam na tranquilidades dos mocós, na velocidade dos socós, no confronto dos potós, nos sons dos zozós. As vontades e as horas nos prendem às constatações viscerais, nos ensinam a nos mantermos envolvidos com a cor e a geometria das folhas das aroeiras, angicos, pinhões-brancos, faveleiras, facheiros, jitiranas, batatas-de-purga, coroas-de-frade, marmeleiros, canudos, gameleiras. O Sertão são todos os acontecimentos, a vida no universo dos sonhos.

No silêncio do Sertão, a vida bafeja entre fumos e harmonias, as circunstâncias recriam todas as possibilidades.



CARIRIS: O ECO DOS RESSURGIMENTOS



Nos Cariris, o reencontro com a vida é constante, harmoniza a caatinga com a delicadeza dos silêncios penetrantes.

Os Cariris, misteriosos e silenciosos, eram os denominados tapuias mansos, índios envolvidos com os segredos da caatinga, multiplicando enredos e confissões, sedimentando em si a grandeza e delicadeza do canto dos querequechês e caburés, vivenciando nos olhinhos dos preás os ares de seus próprios passos, os traços dos xique-xiques nos espaços sem fim das chapadas. Viviam as pluralidades e fatalidades do Sertão, conviviam com sofreus e os eus dos canções, dividiam suas sombras diante das folhas amarelas das caraibeiras. Nas beiras dos riachos, securas e sedimentos os moldavam, os tornavam vigorosos, surpreendentes, vertentes incrivelmente irradiantes da forma de ser dos sertanejos. Criaram costumes, vislumbraram lumes, distribuíram sentenças, crenças variadas. Foram, antes, grandes observadores, cultores de valores, exploradores de si próprios, redemunhos dentro da noite, certezas explorando os contextos, confluências de sumos e filtros. Sabiam penetrar na alma das juremas e jurubebas, ouviam as graúnas e tetéus. Eram ternos, teciam

no ser os enigmas e estigmas dos carrascais, conheciam os sinais do Sertão, estabeleciam nos momentos os movimentos dos teiús e sanhaços, cururus e caititus. Iam além, pertenciam ao voo das casacas-de-couro, às essências dos pés de muçambê. Foram pacatos, de tratos leves, sensatos, alimentados pela cordialidade de seus atos, gratos à existência das baraúnas e dos jatobás, das catingueiras e dos tamboris. Corriam pelos campos, forneciam às eras suas ações cautelosas, seus rumores humildes, nação de um povo que necessita ser lembrado, entranhado em nossa memória, alicerçado em nossos pensamentos e ressurgimentos, sonhos e esperanças de um dia enveredarmos por seus mais profundos enlances e encantamentos. Cada uma de suas atitudes trazem pormenores os mais diversos, encadeiam ressurreições e reinícios, mostram que as flores dos mandacarus nos agregam aos voos dos pássaros-carão, nos abrem para as averiguações das contingências da vida, nos fundamentam nas ações plurais, nos enlaçam, traçam no ser harmonias múltiplas, intensas.

PANKARARUS: O TEMPO FUNDAMENTA OS LASTROS DAS VERDADES PROFUNDAS

Nos Pankararus, as essências se consolidam, o tempo reinventa os caminhos, as veredas, distribui a alma na imensidão do Sertão.



Na chegada ao Brejo dos Padres, no município de Tacaratu, no Sertão pernambucano, os ritmos e os ciclos se fundem, as flores dos paus-ferro fundamentam o teor dos veios das estradas do Sertão, o sol fixa no corpo o fluxo de suas densidades e verdades, claridades e perplexidades. A luz, nos olhos das crianças, avança sobre nossos sentidos, repercute em tudo, explora a pele escura dos Pankararus. Os diálogos são cercados de gentileza e silêncios, trazem palavras sutis, intimamente relacionadas com as essências de seus ambientes, de suas designações. *Orobó, orocó, ibó, cocorobó, chorrochó, bendegó, cancanlancó*: A verdade flui de seus lábios, contextualiza as circunstâncias, nos inunda de densos porvires, nos leva a mergulharmos na ancestralidade de uma cultura que não pode ser relegada, tratada com descaso, esquecida, roída em suas perspectivas e

recriações. Nos torés, os índios cantam e dançam, se redefinem em suas vestimentas, se reúnem e se consolidam no fervor com que abraçam as tradições e os reordenamentos de si. São elementos atentos aos seus conceitos, conseguem transmitir, nos gestos e nas condutas, lutas antigas, confissões cada vez mais carregadas da necessidade de se afirmarem nos instantes, nas perspectivas, nos compassos, nas curvas dos caminhos. Amam as macaúbas e as jacubas, as caminhadas nos pés-de-serra. Temem as onças-de-lombo-preto. Respeitam as suçaranas e as acauãs. Vivem o amanhecer de todos os acontecimentos. Nos estremeamentos de seus olhares, respiram humildade e silêncio, cadências sobrenaturais, ampliam a reconstrução de si próprios, índios luminosos, verdades que abarcam outras verdades, a canção nos bicos das patativas e das corujas-mãe-da-lua.

SERTÃO: PROFUNDIDADE E RENASCIMENTO



O Sertão é, antes de tudo, um mergulho em nós mesmos, a textura do adeus no amanhecer das chapadas infinitas.

No Sertão múltiplo e encantado, adusto e avoengo, certos silêncios e voos precisam ser melhor explicados, intrigam, instigam, deliberam na alma uma certa tendência para a busca e as especulações. Penetrá-lo, esmiuçá-lo, requer, de quem quer que seja, um norteamento de seus princípios e sentidos, um avanço de suas ideias e atitudes. Neste mundo de couro, onde o sol reina e penetra na alma dos pequeninos preás e pebas, bem como na textura das quina-quinas e xique-xiques, abrindo a extensão de seus elos sobre o chão abrasador da caatinga, muito sangue foi derramado desde a invasão dos bandeirantes, sobrepujando o desnorteamento e a fuga dos índios, na sua grande maioria Cariris, dissimulando a complexidade de uma terra que certamente há séculos sofre com o problema enigmático das secas e do solo calcinado dos

carrascais. Interessante depoimento é revelado por Pedro Calmon em seu livro da *Casa da Torre* onde situa que:

“A guerra ia ser de extermínio. Os índios alçavam-se, ferozes, dispostos a repelir definitivamente o colono, que os esbulhara dos domínios de sua raça. Replicava-lhes o colono com o velho heroísmo português de mesnadas e razias, tão encarniçado contra o tapuio como antepassado contra o mouro da península. E a expedição bateu-se sem quartel. Correu à margem direita do São Francisco, entre o Salitre e Sento Sé, levando de vencida os caboclos espavoridos. Domingos Rodrigues de Carvalho, com 55 homens brancos e 100 índios mansos, destroçou de início sessenta canoas, socorridas de quatrocentos índios (...) A luta desagregara-se em episódios, e a clavina de cano de bronze respondia às saraivadas de setas que assobiavam no ar seco”

SERTÃO: PROFUNDIDADE E REENCONTRO

De certa forma, padres, bandeirantes, índios e vaqueiros conviviam, com suas crenças e esperanças, em espaços imensos, modelando a solidão do canto das saracuras-três-potes e dos pássaros-carão, interpretando os fenômenos do tempo a seu modo, buscando nas distâncias um elo entre o eco dos seus antepassados e a força dos liames e lumes do Sertão. Tempos difíceis, cruéis, devassadores. O bacamarte falava mais alto, os índios sentiam-se violentados em seu próprio território e, inúmeras vezes, dizimaram o criatório dos vaqueiros, com ou sem currais. Ninguém confiava em ninguém, a vida trazia desgostos e insatisfações, condicionava o homem a nutrir-se de ódios e suplícios, o desnorreava sistematicamente. Os capuchinhos, com suas ladainhas e benditos, roíam e corroíam os deuses Cariris, procuravam implantar, na personalidade singular e mosqueteada do índio, o catecismo cristão, suas ideias irregulares, um manancial de desrespeito tão intenso quanto as balas e os facões dos bandeirantes nos corpos dos guerreiros Cariris. Assim, em um sem fim de ataques e achaques, foram dizimando tribos e mais tribos. Extinguiram os velhos habitantes da caatinga, desmilinguiram suas cantigas, seduziram as raparigas, produziram intrigas e brigas incansáveis, fluíram, cheios de bexigas e antigas caningas, no meio dos indígenas, feito alienígenas insuportáveis, como vigas inquebrantáveis, separando culturas e fissuras, misturando olhares e penares, matando eitos e leitos. Sumiram os Paiaias em Jacobina, os Massacarás em Uauá. Os Tumbalalás, no Pambu; Os Trucás, na Ilha da Assunção em Cabrobó; Os Pankararus, em Tacaratu, resistiram, mas implodiram sua língua, seus elos e divagações. A dor do índio é maior que a esperança de os vermos atrelados às velhas tradições dos ancestrais, tais

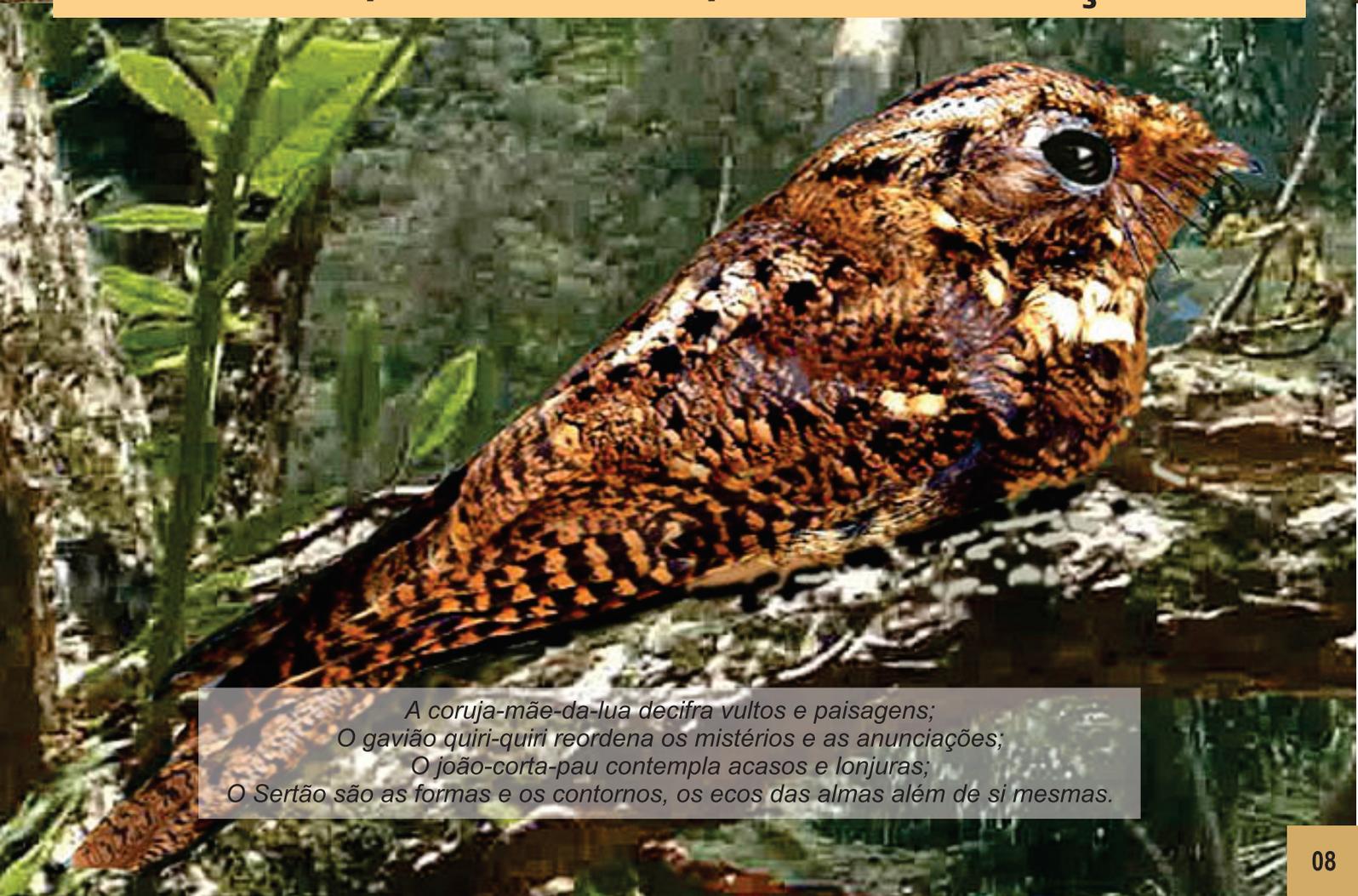
quais os fanais que em nós consolidam o tear de uma nova era, de um tempo onde o homem não precise encarniçar, estrebuchar no terreno alheio, deturpar valores, sangrar a inocência dos pajés e torés, estragar fés, criar rés e nojos, fojos onde o tempo consolide as deturpações e as inadequações, sujos atos carregados de vilipêndios, incêndios, usuras. As agruras dos índios foram imensas, intensas, flechas nas brechas de seus olhares desconfiados, fiados sob a proteção de seu Deus Pipipã.

Na macambira, o tempo se agrupa aos desígnios sagrados do Sertão, a vida reinventa perspectivas e silêncios.



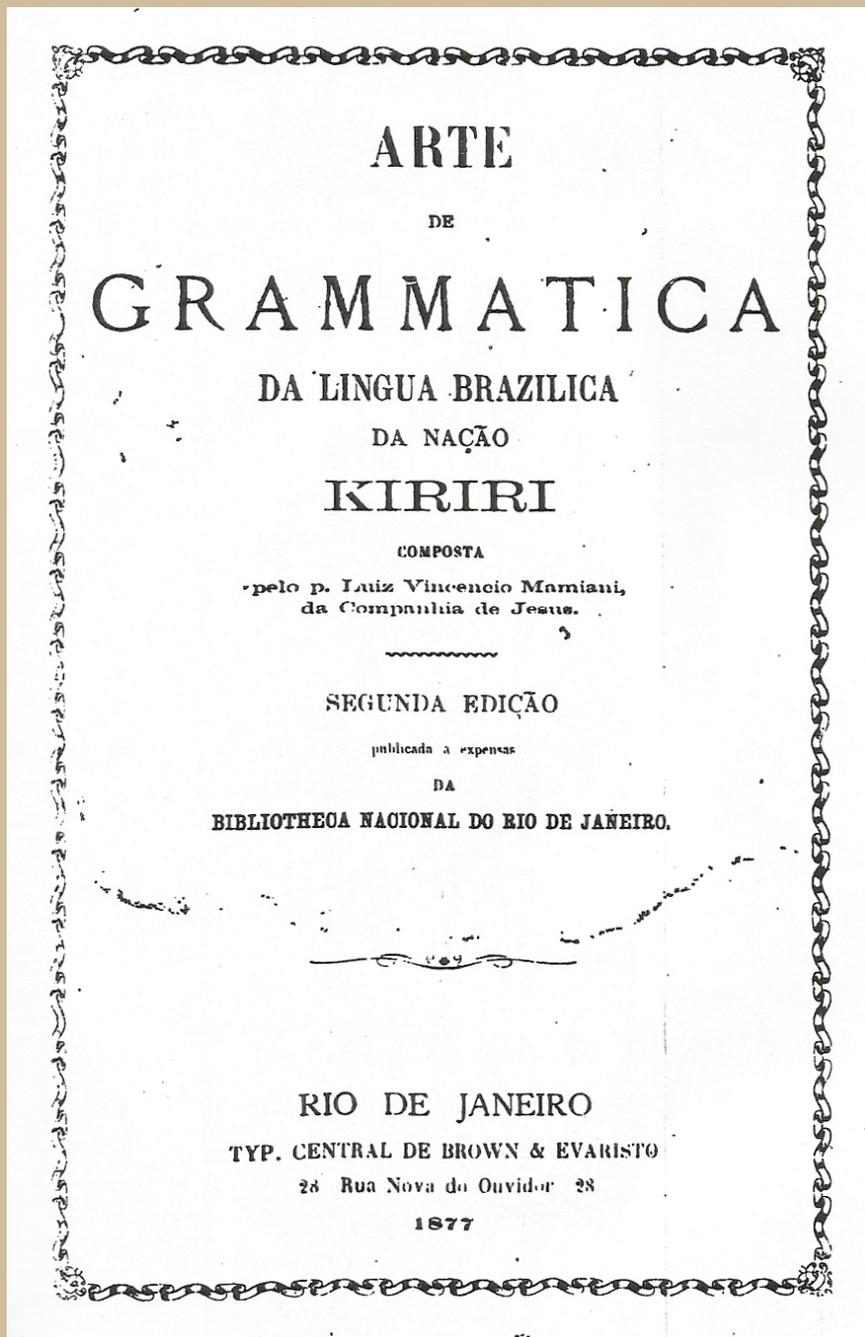


AVES DA CAATINGA: A RECRIAÇÃO DOS ESPECTROS, DOS RASTROS, DOS SEGREDOS, DAS CONFIGURAÇÕES



*A coruja-mãe-da-lua decifra vultos e paisagens;
O gavião qui-qui reordena os mistérios e as anunciações;
O João-corta-pau contempla acasos e lonjuras;
O Sertão são as formas e os contornos, os ecos das almas além de si mesmas.*

CARIRIS: O SISTEMA DE CONTAGEM, AS ESPECULAÇÕES, OS ARREMEDOS



A descoberta do sistema de contagem dos Cariris foi exposta, de início, na *Arte de Grammatica da Língua Brasilica da Nação Kiriri*, composta pelo padre Luiz Vicencio Mamiani, da Companhia de Jesus, no século XVIII. Da convivência, através de 20 anos, com os índios, resultou um acervo de palavras e sutilezas as mais apuradas. Mamiani, pisando em solo caatingueiro, deixou um valioso legado de informações sobre os Cariris, expandiu nuances e profundidades, recolheu um material da mais alta importância para se decifrar as almas e os vínculos do homem do Sertão do Nordeste. Todas as pesquisas a respeito do Cariris têm de

passar pela *Arte de Grammatica*, investigar a força de seus ecos, esmiuçar as vinculações de suas anunciações e percepções. Atualmente, quando dos diálogos, principalmente com os remanescentes dos Pankararus, se consolidam muitas das ideias e sentidos das pesquisas de Mamiani. É preciso, então, confrontar a realidade de hoje com o passado quase esquecido, relegado às despreensões. Assim, *Bihé Cribae*, ou seja, cada homem é responsável por garantir aos seus sucessores um pouco da memória de si e de seus antepassados, para que todos aprendam a ser melhores, mais justos e fraternos.

CARIRIS: OS NÚMEROS, AS PERCEPÇÕES, OS REENCONTROS



Bihè: Um

Wacháni: dois

Wachánidikie: três

Sumará Orobae: Quatro

My Bihè misã saí: Cinco

Myreprí bubihé misã saí: Seis

Myrepri wacháni misã saí: Sete

Myrepri wachanidikie misã saí: Oito

Myrepri sumará oróbae saí: nove

Mycribae misã saí: Dez

Mycribae misã idehó iby saí: Vinte

Tcohó ou Buyò: Muitos

Cribae ou Cribunè: Todos

Wohoyé: Todos

Tçohóhehéde: Estão alguns poucos

OS PASSOS TANGENCIAM O INFINITO, A ETERNIDADE.

Não nos doamos uns aos outros, nos matamos em meio a covardias e acasos,
Manipulamos o conceito da ternura, do carinho humilde e alvissareiro,
Criamos nas tripas uma espécie de engodo manipulador e traiçoeiro,
Capaz de a tudo torpedear, destruir o sentido da delicadeza no coração das crianças,
Dar as borboletas uma desorientação frustrante, um medo afobado, intimidador.

O mundo flui no desassossego, na inquietação, agrega as incertezas aos temores,
Afunda o homem e depois o resgata para afundá-lo mais fundo ainda,
Deturpa as consciências, cria mudezas, gelos corrosivos, intrincados modos
De nos associarmos a nossas desavenças interiores e exteriores,
De convivermos com usuras e comoções intrincadas, vazões de sentidos deliberando
Nas horas o tear surpreendente da vida sobre nossa pele, sangue e ossos,
A verdade dos corações famintos pelas essências, equilíbrios, espaços, eitos.

É que os corpos não estão preparados para receberem as almas que os reinventam,
Continuam isolados e desolados, grudados a falácias e fadigas, indispostos,
Invariavelmente surrupiano de si mesmos o silêncio dos voos dos tuiuiús,
Insensíveis ao canto das saracuras e joões-de-barro, seriemas e marias-fitas,
Cheios de contrastes, contragostos, contramãos, construindo obstáculos nos escuros,
Avessos às delicadezas, pisando em brasas e sorrindo para os abismos,
Desconexos da realidade, afoitos e despreparados para a morte e os grandes sonhos.

Nesse ir e vir de perturbações nascem as florezinhas dos campos,
A dinâmica da vida molda as inquietações de todos, os afazeres se multiplicam,
As existências se grudam a engodos e deturpações, se movem carcomidas
Por ausências, danos, crises, distribuem nos apertos-de-mão uma maldade
Que desgoverna os sentidos, um sem fim de presságios intimidadores, minadores
De nossas formas de ser no mundo. É preciso nos vivenciarmos interiormente,
No entanto, feridos no espírito, permanecemos alheios ao sagrado, às essências,
Propagando nos segundos furores e fartas doses de mal humor, incompreendidos,
Medidos por ganhos e abastanças, desmedidas criaturas frágeis, sonolentas,
Entregues a dissuasões contínuas, a instabilidades, ruindo nas ânsias.

Tudo que fomos é um amontoado de contradições e estremecimentos,
Uma constrangedora impaciência fluindo nas ruas, sob o impacto de receios e cortes,
Debilidade consolidando o tom das imprecisões que vão nos burilando sempre,
Sentença fincando no olhar distante o grau das incertezas dos destinos,
O peso de convivermos com mortes, decepções, monotonias, dificuldades,
O tear infinito dos meninos aflitos e universais, calados demais, caos em chamas,
A inteira verdade do amor que se esfacelou, criou em si desesperos, dicotomias,
O ar das situações que nos traduzem na impossibilidade, no descrédito sem fim.

OS ESPÍRITOS CADENCIAM OS INSTANTES

Nossos espíritos estão embaralhados, determinados a não se encontrarem,
Divididos ante o muito a sentir e especular, presos a renúncias,
Inclinados a não se ouvirem, a comungarem de seus próprios ecos,
Cheios de dissuasão, corroídos por empáfias e estremecimentos,
Alargando as falsidades, fugindo de si mesmos, moendo enganos,
Perpetuando no tempo dissabores, dúvidas, desequilíbrios.

Vivemos uma época onde as eras se fundem, tornam o homem distante dos ares
Da delicadeza, dos sonhos, doído ser preso a fuxicos e desavenças,
Movido a desgastes desnecessários, sem focos, fatigado, agitado,
Fadado a esquecimentos, estremecendo nas esquinas, correndo dos fantasmas,
Filtrando impasses, imprecisões, desarticulando seus diálogos, lógicas, teores.
Até quando estaremos atados a tantos cortes e fossos, reios e ranhuras?!

Em nós a vida reconstrói suas fragilidades, alicerça os abandonos,
Redefine a imprecisão de tudo, mudo convite aos sons infinitos do nada,
Comoção fluindo nas células de todos nós, ruindo com o acaso.

A realidade é dura e desfigura os olhares, corrói a força da inocência,
Deixa os átomos entregues a discórdias generalizadas, a fugas incomuns,
Multiplicação de engodos e fissuras, tormentos e testemunhos desarticulados.

A alma é o desequilíbrio, o transbordamento de indagações e casualidades,
O sentido ampliando o leque das transformações iminentes de cada um de nós,
Elo nos impulsionando para o futuro, a aleatoriedade do bater das asas dos beija-flores.

Continuamos entre os cemitérios e as clínicas hospitalares, hospedeiros dos danos,
Veloze indivíduos lentos nos pensares e nas perguntas, indispostos, volúveis,
Vítimas de tropeços inusitados, de tensões variadíssimas, velha arritmia
Pondo nas percepções um comovedor destroço afeito a culpas, pesadelos.

As singularidades nos descobriram chochos, afoitas moléculas sem ordenação,
A realidade doída dos dias em que somos tragados por discórdias e deturpações,
Díminutas criaturas acelerando o poder das contradições, do desamparo,
Expansão enviesada das decomposições dos mortos de ontem e de hoje.

Há muita insatisfação nos seres humanos, muito descompasso e urgência,
Um certo descompromisso consigo mesmo, uma falta de atenção
Com suas próprias abrangências e ressurgimentos, a ausência fundamentando
As texturas das possibilidades, dos instantes onde a vida montou seus baques, fardos.

